

Arte, Cultura e Sociedade: Territórios de exploração e integração do Eu com o Outro

A exposição “Jardim”, de Erica Kaminishi trata, entre outros aspectos, das relações entre Arte, Cultura e Sociedade que, a meu ver, não devem ser subestimadas, ainda que se considere a hermenêutica de Gadamer como orientação para o fazer artístico. Quer dizer, na minha opinião, Arte deveria ser entendida como um meio de expressão de emoções e construção de mundos subjetivos, porém aceitando influências das tecnologias e pensamento contemporâneos – como seres sociais e culturais que somos.

As diferenças culturais entre Oriente e Ocidente são um tema recorrente na obra de Erica que, como nikkei e brasileira, se questiona sobre sua identidade cultural em constante choque com a noção de territorialidade. Até que ponto o descendente de japoneses é brasileiro, no Brasil? No Japão, a questão racial e identitária depende, entre outros aspectos, do local onde se nasceu, fazendo com que mesmo os nikkeis sejam vistos como estrangeiros na terra de seus bisavós – situação por ela sentida na própria pelepoesia. Não se pode dizer que, atualmente, essa seja uma questão pertinente no Brasil, mas creio que, devido ao processo de formação e miscigenação de nosso povo, acaba tornando-se um elemento secundário – desde que se deixe a crítica Antropofágica de Oswald de Andrade em seu devido contexto histórico.

Essa reflexão sobre a identidade cultural se expressa no conceito desse “Jardim”, espaço territorial culturalmente construído e recriado sob essa problemática cultural entre o Japão e o Mundo, o Eu e o Outro. No contexto dessa exposição, o Outro é o público, o estrangeiro ao processo artístico, convidado a se manifestar por meio dessa obra, em que o artista-criador, como um designer-jardineiro, torna-se um facilitador da expressão do público (assim como um compositor, ao publicar sua partitura para execução, terá sua obra recriada pelo músico-intérprete). Parece que, assim, ao abrir seu mundo mais pessoal, expresso pela sua obra, Erica parece aceitar o Outro como um igual e colaborador em seu território criativo. Mas de quem será a autoria, por fim? Uma colaboração, uma anonimidade? Ainda que consentida, a intervenção não deixa de ser uma pichação-graffiti-garatuja, marcas-na-caverna de fluxos de consciência e expressões emocionais subjetivas.

Ludicidade e os Sentidos: Espaços e Silêncios nos Caminhos do Jardim-Simulacro

Se olharmos para nosso passado recente, veremos que Lygia Clark e Helio Oiticica foram pioneiros na exploração, por meios artísticos, da sensorialidade e da integração corporal do indivíduo com a obra, seja pela manipulação dos “Bichos” de Lygia ou pela dança com os “Parangolés” de Helio – tradição cuja continuação podemos ver nesse “Jardim” de Erica. Esse elemento lúdico, de brincadeira e descoberta, típico da arte brasileira a partir dos anos 1960, alia-se à exploração da ingenuidade e do humor como elementos conceituais que, como os jardins de pedra japoneses, “escondem-revelando” paisagens mentais nem sempre traduzíveis em palavras. Jardins de pedrasflorespalavras que nos carregam a outro jardim: o de infância e de liberdade criativa.

Artificial, esse jardim de resina e grama de plástico articula texturas e plasticidades expressas por diferentes materiais. Verde e branco, cores neutras por natureza, na Natureza, bem podem evocar a brasilidade dos jardins de Burle Marx. Nesse caso, porém, onde estarão as flores? Talvez na explosão de cores das flores-garatuja ainda-por-vir, a expressar sensações e significados resultantes da interação entre seus elementos plásticos.

Um jardim de tapetes, guiando caminhos e fluxos de consciência através de verdes ilhas de repouso e introspecção. Assim, também o jardim de pedras japonês é artificial na sua essência – uma abstração plástica dos jardins reais. Citando uma nota pós-moderna, não um simulacro mais real, mas um simulacro mais *ideal* que a própria realidade, pois o ideal estabelece um caminho de perfeição a se seguir.

Para quem conhece a obra de Erica, não é difícil imaginar-se palavras dispersas pelo Ma 「間」, conceito fundamental da estética japonesa – o espaço negativo que permeia a obra, um silêncio que não ouvimos quando em contato com nosso subconsciente. Quer dizer, idéias latentes e palavras-silêncio não ditas por Erica habitam esse espaço negativo – espaço-silêncio imaterial – a ser preenchido com os pensamentos manuscritos pelo público em cores e tintas. Apreensível x Inapreensível, Mental x Imaterial, Real x Ideal – eis algumas categorias de significação sugeridas pela análise desse Jardim, que nos fala de tantos tempos, espaços e silêncios.

Se os jardins ancestrais evocam *Wabi* 「侘び」 e *Sabi* 「寂び」, a simplicidade elegante japonesa contida na beleza rústica da pedra, esse Jardim que aqui vemos a princípio nos sensibiliza com memórias pouco nobres, como coloridas bandejas de plástico das Lojas Americanas, ou as Marilyn rosa e amarelo de Andy Warhol. Que o plástico ocupe seu lugar na Pop Art, muito bem, porém aqui, deslocado de seu contexto, adquire uma significação contraditória e ambígua, em contraste com a nobreza semântica da obra.

Historicamente as pedras simbolizam eternidade e permanência, sagradas que são para as culturas nativas, especialmente na Ásia. Significados atribuídos a totems e empilhamentos e a veneração às pedras criam analogias com os anciãos de cada comunidade, símbolos de longevidade e preservadores da sabedoria oral. Porém, nesse caso, há um outro tipo de eternidade em questão: aquela presente na lenta degradação dessas rochas-polímero, tão ambíguas e estranhas, por artificiais que são.

Aliás, essa ambiguidade é um aspecto fundamental da cultura e estética japonesas, também presente no conceito *Heta-Uma*, da arte dos anos 1980: o belo que é ao mesmo tempo estranho, o bonito imperfeito, o perfeito com um toque de imperfeição – provocando uma sensação de choque e estranhamento, como nas pinturas de Yoshitomo Nara .

E que no final, sejamos capazes de ver um jardim cheio de *sakuras*-palavras, ipês-pensamentos e silêncios-sabiás, que nos irá revelar paisagens-narrativas compostas pela autoria de tantas sensibilidades diferentes – e que sua contemplação estimule a integração do corpo com a mente, assim como os jardins de Kyoto tão delicadamente despertam nossa consciência para esse estar-no-mundo sensível.

Christopher Zoellner

Designer, doutorando em Artes e Design Têxtil
pela Tama Art University, Japão

Tóquio, abril de 2011